

Apoio xavante Índios visitam o treino na Gávea

O confronto entre Flamengo e Vasco ultrapassa e muito os domínios do Maracanã. Ontem, dois índios xavantes foram à Gávea pedir um jogo de camisas do Flamengo para disputar um campeonato de aldeias no Mato Grosso. O cacique Terriyacé e seu filho Aawe, lateral-direito do time de futebol da aldeia Wedetepa, orgulham-se de ter sangue rubro-negro nas veias. "As 113 pessoas da aldeia torcem para o Flamengo", garantiu o cacique.

Na aldeia não há televisão, jornal ou internet – as poucas notícias do Flamengo que recebem chegam até lá via rádio. A distância do Maracanã, porém, não foi suficiente para conter a mitológica rivalidade entre Flamengo e Vasco. A aldeia São José, uma das 50 aldeias que reúnem 10 mil xavantes na região da Barra do Garça, é famosa por torcer pelo Vasco. "Quando enfrentamos eles a rivalidade é muito grande. Mas nós somos mais fortes", afirmou Aawe.

Essa rivalidade indígena, porém, é muito mais civilizada que a das torcidas rubro-

negra e vascaína. "O futebol jogado pelos índios é limpo. Ninguém vai na canela de ninguém e depois do jogo todos confraternizam", informou o indigenista Tsiipré, que veio de Brasília com os índios para requisitar as camisas à diretoria do Flamengo.

Essa foi a segunda vez que o time rubro-negro presenteou os Wedetepa com uniformes – a primeira aconteceu na década de 70. A preferência pelo Flamengo é ancestral. "Na tribo dizemos que, antes mesmo dos portugueses chegarem ao Brasil, já éramos rubro-negros, porque os xavantes sempre pintaram o corpo com o vermelho do urucum e o preto do carvão", contou Tsiipré.

De posse dos uniformes, os índios, agora, buscam apoio para voltar para a tribo. "Viemos de Brasília com a promessa da Funai de que o Museu do Índio nos ajudaria a voltar, mas isso não aconteceu", disse o indigenista. Os índios esperam receber passagens de ônibus para regressar – com os uniformes novos a tiracolo. (R.C.)